

A EDUCOMUNICAÇÃO COMO RECURSO PARA A EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS¹

EDUCOMMUNICATION AS RESOURCE
FOR MEDIA EDUCATION

PRISCILA KALINKE DA SILVA*

RESUMO

Neste trabalho, pretende-se fomentar a discussão do novo campo do conhecimento, conhecido como educomunicação enquanto prática para a leitura crítica dos meios de comunicação dentro do campo escolar. O artigo foi sustentado por referenciais pautados na educação e comunicação, comunicação participativa e educação para os meios. As perspectivas para esse campo são positivas, porém ainda é necessário romper com os entraves políticos e culturais, que não o tem como elemento fundamental para a prática na educação formal.

Palavras-chave: Comunicação e Educação; Educomunicação; Comunicação Participativa; Educação para os meios.

ABSTRACT

This work seeks to promote the discussion of the new field known as educommunication as a practice for the critical reading of the media in school. The article is supported by bibliographical references on education and communication, participatory communication and education for the media. The perspectives in this field are positive, but it still needs to break up with political and cultural barriers, which do not have it as a key element in formal education.

Keywords: Communication and Education; Educommunication; Participatory Communication and Media Education.

¹ Este trabalho foi apresentado no II Ciclo Integrado de Estudos Unifamma, realizado em Maringá, em setembro de 2009, e faz parte dos anais do evento.

* Formada em Comunicação Social - Jornalismo, pela Faculdade Maringá; pós-graduada em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde e mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

Com a presença cada vez mais intensa dos meios de comunicação na vida das pessoas, em especial das crianças e jovens, é evidente que a educação não é mais um papel particular da escola - educação formal, mas a mídia, em seu aspecto mais particular - o conjunto dos meios de comunicação - também exerce um papel fundamental na formação de valores.

Nessa perspectiva, o manual de educomunicação, formulado pelo Ministério da Educação na II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, em 2006, revela a dimensão dessa educação informal no cotidiano das pessoas.

O rádio e a televisão, em especial, influenciam muito na maneira que pensamos, sentimos e nos comportamos. Podemos afirmar até que esses dois meios de comunicação funcionam como uma espécie de escola paralela, porque ensinam o tempo todo, para toda população, as coisas que 'precisamos' querer comprar, o que 'devemos' considerar bonito ou feio, o sotaque que 'devemos' adotar, a quem 'devemos' admirar ou rejeitar, influenciando assim as opiniões que 'convém' termos sobre este ou aquele assunto (BRASIL, 2006, p. 4).

Nesse sentido, ignorar os meios de comunicação é reforçar o tradicionalismo e distanciar um instrumento que pode favorecer a aprendizagem escolar, não apenas no sentido pedagógico, mas também como um instrumento de leitura crítica da mídia, proporcionando subsídios para tornar os jovens menos passivos diante do fascínio dos audiovisuais.

Assim, Peruzzo (2001) alerta para o desinteresse dos meios de comunicação para a educação dos seus espectadores e assegura sua influência na vida dos jovens, inclusive superior à educação escolar:

[...] as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam frequentemente por influenciar mais profundamente a juventude que a educação desenvolvida na escola. A comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, o que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com seus pares e com as manifestações culturais e informativas com que se deparam (PERUZZO, 2001, p. 116).

Portanto, um trabalho voltado para a relação educação e comunicação é justificável pelo valor simbólico dos meios na vivência diária de crianças e adolescentes que estão em processo de desenvolvimento. Pesquisa realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), nos anos de 2002 e 2003, mostra que adolescentes brasileiros de 12 a 14 anos passam em média quatro horas diárias em frente à TV.

Com as horas diárias que os jovens disponibilizam para esse meio, fica evidente o poder que a televisão exerce sobre eles. De acordo com a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada no Rio de Janeiro em 2004, a mídia hoje assume funções educativas e informativas que antes eram desempenhadas pelas famílias e escola, porém não está preparada para lidar com esse desafio.

Ainda, de acordo com o Manual de Educomunicação, quando Educação e Comunicação se cruzam, realiza-se o que propõe a Educomunicação. Isto é, a formação de jovens para que usem a comunicação como uma ferramenta poderosa para transformar sonhos em realidade, para que cresçam ativos, autônomos, com capacidade de transformação, intervindo diretamente na realidade em que vivem.

Pretende-se, com este artigo, fomentar a discussão acerca de um campo novo na área da comunicação e educação, como um meio facilitador para promover uma leitura mais crítica dos meios de comunicação de massa. Para isso, o caminho a ser percorrido será a contextualização da comunicação e educação, posteriormente sua relação com a comunicação participativa e, por fim, a educação para os meios.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: HISTÓRICO E DEFINIÇÕES

O ponto de partida para a concentração das análises dos polos comunicação e educação se deu em um período em que as duas grandes guerras mundiais universalizaram o “poder libertador que a técnica poderia exercer na melhoria progressiva da vida humana” (ALVES, 2007, p. 1).

Nessa perspectiva, Soares avalia esse cenário favorável para a construção de análises em função dos estudos sobre a influência dos meios de comunicação, em especial os audiovisuais, nos países subdesenvolvidos latino-americanos (SOARES apud ALVES, 2007).

A partir da segunda metade do século XX, no que diz respeito à educação, o audiovisual foi o instrumento de maior destaque. Como consequência dessa aproximação, aumentou a necessidade de alertar os receptores sobre o poder manipulatório da mídia. Estudos sobre análises de discurso com a finalidade de promover uma maior reflexão crítica nos cidadãos se intensificaram na década de 70, que passava por uma crise nos setores social e político (SOARES, 1999).

Uma análise paralela a essa confirma que os esforços para difusão da relação comunicação/educação não são recentes no país. Segundo Soares, a aproximação desses

dois campos começou no início do século XX, no Brasil, com Roquete Pinto, que pretendia transmitir cultura e educação por meio da Rádio Nacional, mas foi obrigado a entregar a emissora para o Governo Federal, o que significou a vitória dos interesses mercantis sobre a educação (SOARES, 1999).

Monteiro Lobato também se esforçou em adaptar a literatura ao público infantil com temas nacionais, mas não obteve o êxito esperado, pois se manteve à margem da educação (SOARES, 1999).

Nos anos 80, os estudos da influência dos países mais desenvolvidos sobre os menos desenvolvidos deram lugar a estudos sobre a relação entre educação formal e os meios de informação, com as publicações da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), que passaram a discutir tal relação (SOARES, 1999).

A segunda década de 90, com o desenvolvimento dos meios eletrônicos, principalmente a internet, a necessidade de se construir um novo campo se intensificou com a finalidade de “aproximar de maneira crítica, porém construtiva, as áreas da ‘educação para os meios’ e do ‘uso das tecnologias no ensino’” (SOARES, 1999, p. 22).

Esse novo campo ficou conhecido como Educomunicação, que é a inter-relação entre comunicação e educação. Soares (1999) divide esse campo no que diz respeito a suas áreas de intervenção social.

A primeira é a área da Educação para a Comunicação, que se constitui nas reflexões sobre os polos do processo de comunicação, ou seja, estudos sobre a recepção, e tem como objetivo promover programas que formem receptores críticos frente aos meios.

A segunda área é a Mediação Tecnológica na Educação, que tem como proposta realizar estudos e compreender a utilização das novas tecnologias de informação para contribuir com a educação.

Outra área citada por Soares é a Gestão Comunicativa, que tem como finalidade desenvolver agentes da comunicação a partir de procedimentos como planejamento, execução e avaliação de projetos e programas que se relacionam com a inter-relação: comunicação, cultura e educação.

A última área é a Reflexão Epistemológica, campo que corresponde a estudos sobre a natureza da inter-relação comunicação/educação com o objetivo de promover sua reflexão como um fenômeno cultural emergente.

EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação, segundo Soares, pode ser definida como “[...] toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos” (SOARES, 1999, p. 66).

O profissional que atua nesse campo é conhecido como educador. Segundo Soares, esse profissional deve ser capaz de preparar análises no campo da inter-relação comunicação/educação; dar assistências aos educadores para que estes utilizem adequadamente os instrumentos a favor da comunicação, como o uso das novas tecnologias como meio de expressão dos protagonistas do processo comunicativo; realizar programas e reflexões sobre a “educação para os meios”, de forma que esclareça as dúvidas da sociedade sobre a inter-relação - comunicação/educação (SOARES, 1999, p. 66).

Soares aponta em seus estudos a necessidade da inclusão dos usos da tecnologia de informação na educação, o novo campo – Educomunicação – com a finalidade de promover cidadãos mais conscientes sobre as interferências que os meios exercem sobre eles, ou seja, uma educação para os meios (SOARES, 1999). Neste sentido, pretende-se com a educomunicação desenvolver um processo de mediação (de pais, professores, etc.) a fim de promover uma leitura diferenciada dos meios de comunicação de massa, isto é, objetivando desenvolver um receptor ativo no processo de comunicação.

COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO

A área da comunicação e educação também tem uma relação próxima com a comunicação participativa e popular, ao passo que o diálogo e a participação são fundamentais para garantir seu processo e, também, para a concretização da educomunicação, por estar em um contexto de contraposição da mecanização da comunicação. No Brasil, esse cenário é apresentado por volta da década de 70, com as experiências de comunicação de resistência (ALVES, 2007).

A comunicação participativa toma corpo por meio dos estudos de Juan Diaz Bordenave, Mario Kaplun e Jesus Martin-Barbero, “impulsionados pela Igreja Católica” (ALVES, 2007, p. 2). O papel importante da Igreja Católica deu-se em um contexto de mudanças iniciadas pelo Concílio Vaticano II e reuniões promovidas pela Conferência do Episcopado Latino-Americano, no qual:

[...] a Igreja e cristãos se confrontam com a realidade, afirmando seus ideais

de justiça, solidariedade e dialogicidade. Tais mudanças redimensionam o papel do leigo na organização e sua atuação da vida eclesial, como também reconduziram a uma reorientação da prática evangelizadora, colocando o desafio da mídia neste processo (ALVES, 2007, p. 3).

Ainda, nessa mesma conjuntura histórica, a América Latina vinha, entre os anos 1960 e 1980, construindo ideais de uma comunicação de resistência ligados fortemente com a participação popular e estimulando a leitura crítica dos meios.

Além dessa relação estabelecida, a convergência das mídias vem sendo um importante processo para a interação entre comunicação e educação. Atualmente, a mídia consiste em um importante formador de opinião e cada vez mais educa de forma informal. Sobre a convergência das mídias, Gueiros Junior (2002) afirma que os meios de comunicação (rádio, televisão, cinema e jornais) serão todos enviados diretamente aos lares e escritórios, inclusive impressos na hora (no caso dos jornais e revistas) e diariamente, em forma digital, com extrema qualidade, através de um único meio receptor/transmissor, desenvolvido a partir do

venerável PC que já tomou conta do mundo desde a década de 90.

Essa é uma realidade que os educadores precisam se atentar de forma que não permaneçam à margem da educação das crianças e adolescentes no país. No entanto, a formação e o interesse de educadores para a utilização desses meios é fundamental para que se atinja a “educação para os meios”.

EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS

A comunicação e a educação vêm passando por diversas reflexões no decorrer dos anos. Inicialmente, entre os anos 1930 e 1960, nos Estados Unidos, pensava-se que a mídia-educação era um instrumento para proteger os espectadores do perigo da mídia². Posteriormente, após os anos 1960, avançou no sentido de conduzir a uma leitura crítica. No contexto da ditadura militar, a utilização da mídia-educação refletia uma comunicação alternativa, como uma possibilidade de resistência política (FANTIN, 2007). Entretanto, essas reflexões surgem em contrapartida às discussões da indústria cultural teorizadas por Adorno e Horkheimer (1969)³.

² De acordo com McLuhan (1964), o meio é mais importante que a própria mensagem, ou seja, iniciaram-se as reflexões acerca da mídia como um meio fundamental para a compreensão do que vem sendo transmitido. Para o autor, o meio tornou-se uma extensão do homem.

³ Nessa perspectiva, Theodor Adorno afirma que a indústria cultural esquematiza seus produtos mecanicamente diferenciados entre si, mas o faz dessa maneira com o único objetivo de oferecer a sociedade produtos quantitativamente completos; no entanto, revelam-se como iguais (ADORNO; HORKHEIMER, 1969). Distingões enfáticas, como entre filmes A e B, ou entre as estórias em revista a preços diversificados, não são tão fundadas na realidade, quanto antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Para todos, algo é previsto a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa (ADORNO; HORKHEIMER, 1969). No ponto de vista de Adorno, os consumidores são iludidos pela indústria cultural, que os faz pensar que estão consumindo produtos únicos e direcionados para eles próprios, mas na realidade esses produtos são resultados da produção técnico-burocrática da indústria cultural. Portanto, a indústria cultural produz sua demanda. Nesse sentido, Adorno afirma que até os menos “distraídos” consomem de maneira espontânea os produtos dessa indústria (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Atualmente, em especial na América Latina, a aplicação dos produtos da mídia na educação é defendida por diversos autores como um importante instrumento de educação para os meios. Essa educação deve ser obtida por meio de um processo de mediação, que, segundo Orozco (1997), deve ser realizado entre os meios de comunicação de massa, as instituições educativas e os processos de recepção de mensagens que envolvem os estudantes. Sendo assim, a educação para as mídias visa à autonomia crítica do educando, à valorização do diálogo e da reflexão e possui como objetivo geral a educação para a cidadania (FANTIN, 2007), não apenas no sentido de conhecerem seus direitos, mas também refletirem sobre eles e, conforme sua realidade, atuarem como protagonistas.

Para o autor, a mediação tornou-se um desafio aos pais e professores, que ainda possuem pré-conceitos em relação aos meios de comunicação de massa, que precisam ser combatidos para que seja despertado nos jovens seu lado crítico e que não os tornem passivos frente às mensagens transmitidas por esses meios.

A relevância do uso de tecnologias dentro da sala de aula, ainda segundo Orozco, não está apenas na diversão, mas sim no aprendizado, que é o resultado de um processo de desenvolvimento a partir de uma orientação adequada dos códigos e formatos linguísticos nos quais estão inseridas essas novas tecnologias. Para chegar ao resultado esperado, é necessário, além dessa orientação, o reconhecimento dos “hábitos e rituais” que são gerados durante a experiência dos educandos frente

aos meios. Com essas práticas, torna-se possível adequar os usos dos meios para fins educativos (OROZCO, 2002).

A educação para os meios segue duas perspectivas: a primeira refere-se à teoria e a outra à prática. A priori, a teoria faz-se fundamental para levantamentos reflexivos diante dos meios de comunicação de massa; nesse sentido, Orozco (1997) propõe a orientação de pais e professores constantemente, mas uma orientação adequada, fazendo reflexões e críticas em relação aos meios, incluindo, se possível, os conteúdos midiáticos dentro da sala de aula (VIVARTA, 2004).

A prática se faz no sentido de tornar os educandos sujeitos do processo de comunicação, inserindo-os em projetos para que conheçam o processo de produção de programas e que se expressem através desses projetos. A participação dos jovens em programas permite o compartilhamento de suas visões de mundo de forma mais direta (VIVARTA, 2004).

É importante que, antes da prática, ao realizar projetos com uma determinada sociedade, os jovens estejam inseridos em trabalhos teóricos e reflexivos; dessa forma, os protagonistas poderão ter uma visão mais crítica e reflexiva, que, conseqüentemente, será aplicada na prática.

Alguns teóricos têm demonstrado preocupações sobre as interferências que a mídia tem exercido na sociedade. Essa preocupação faz-se, principalmente, na maneira com que os receptores estão recebendo as mensagens; para superar esse problema, a proposta está em uma educação para os meios de comunicação de massa.

A educação para os meios é uma forma de intervenção nos processos de recepção. Segundo Orozco (1997), há três décadas são discutidos os métodos pedagógicos mais eficazes, seguidos de diferentes denominações, como: Recepção Crítica, Leitura Crítica dos Meios, Recepção Ativa, Educação para a Comunicação, Alfabetização Televisiva e Educação para a Recepção.

A leitura crítica da mídia tem a preocupação de fazer análises críticas sobre as mensagens transmitidas pelo meio; a educação para a recepção possui como objeto de análise o receptor e, também, estuda diferentes maneiras de realizar a mediação entre os meios de comunicação e o receptor; a recepção ativa tem como objetivo fortalecer a capacidade reflexiva dos receptores, para que não se tornem passivos diante dos meios; a educação para a comunicação tem a finalidade de produzir mensagens, potencializando, dessa forma, a capacidade comunicativa; e a alfabetização televisiva prioriza o ensino das linguagens videotecnológicas (OROZCO, 1997).

O referido autor ainda enfatiza que cada modelo de educação para os meios será utilizado dependendo da perspectiva pedagógica desejada pelos professores e ressalta a importância de realizar uma educação para os meios nas escolas.

[...] o denominador comum (destes modelos) do qual todos participam empiricamente de que – seja o que for que façam ou deixem de fazer – os professores, na escola, têm importância para a recepção que os estudantes fazem dos diversos meios de comunicação (OROZCO, 1997, p. 67).

A importância em realizar uma educação para os meios, principalmente para os jovens, é o desenvolvimento da capacidade crítica dela resultante. Nesse sentido, Maria Verônica Rezende de Azevedo faz um estudo sobre diferentes ângulos dessa educação para os meios a partir de dois pesquisadores: Jaques Piette e Ismar de Oliveira Soares (AZEVEDO, 2004).

Segundo Piette (1998), a educação para os meios segue duas perspectivas: a perspectiva dos efeitos – dos usos e das satisfações – tem como proposta programas que asseguram que a relação dos jovens com o meio seja uma experiência cultural enriquecedora e esses programas devem reconhecer a importância dos meios na socialização desses jovens; e a perspectiva crítica, vista sob um olhar voltado para a análise do papel e das influências dos meios na reprodução das desigualdades sociais, realizadas através de estudos com análise econômica e política desses meios; essa perspectiva tem por objetivo fazer com que o jovem entenda a verdadeira finalidade dos meios e perceba as ideias e interesses subliminares (AZEVEDO, 2004).

Sob outra ótica, Soares (1999) identificou três vertentes geradoras de conteúdos de estudos em Educação: a primeira é a vertente moralista, que leva em conta o grau de violência e a falta de qualidade das programações; esse projeto prevê a coibição do uso dos massivos, chegando até a utilizar-se da censura do Estado. A segunda vertente é culturalista, que tem por objetivo incluir os estudos de comunicação no sistema de ensino, devido à importância dos meios de comunicação para a opinião pública. A última vertente, a dialético-indutiva, tem a preocupação com os aspectos

culturais e morais da linguagem e com as relações que os indivíduos estabelecem com os meios (AZEVEDO, 2004).

Segundo Belloni, essa educação tem como finalidade formar receptores mais conscientes frente aos meios.

Este novo campo de saber e intervenções, que vem desenvolvendo no mundo inteiro, desde os anos de 1970, a mídia-educação, ou educação para as mídias, tem objetivos amplos relacionados à formação de usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação (BELLONI, 2001, p. 46).

No entanto, Alves (2007) alerta para um problema que pode ser gerenciado nesse processo: a adaptação inadequada do educador, gerando uma falsa resposta aos desafios impostos pela educomunicação. De acordo com a autora, o educador deve ir na contramão de uma “visão mecanicista, tecnicista, limitando-se a aparelhar-se com as novas tecnologias, mas mantendo intactos os velhos procedimentos de ensino baseados na ideia de transmissão do saber” (ALVES, 2007, p. 14).

A educação para os meios, utilizada adequadamente, torna-se fundamental para a formação de cidadãos mais críticos e reflexivos e deve ser uma prática constante de pais e educadores no processo de educação de crianças e adolescentes, para que se tornem sujeitos do processo de comunicação.

PERSPECTIVAS PARA ESSE NOVO CAMPO

Neste artigo, objetivou-se contextualizar um novo campo da área da comunicação e da educação como recurso para a educação para os meios. Esse novo campo, conhecido como educomunicação, vem tomando corpo com

novos teóricos e estudiosos, principalmente na América Latina.

Na prática, ainda tem sido pouco explorado, porém vem aumentando o número de profissionais educadores que se propõem a trabalhar conteúdos formais de forma mais agradável por meio da tecnologia.

Alguns sinais demonstram que a expansão desse campo necessita resistir a dois principais desafios: o macrocultural - como sensibilizar grandes estruturas, como a política pública, e a micropolítica - como garantir a autenticidade dos processos, liberdade de ação, possibilitar equipamentos necessários dentro das escolas/instituições para a apropriação dos meios de comunicação pelas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Teoria e Cultura de Massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES, P. H. **Gênese teórica e prática da educomunicação**. Santos: Intercom, 2007.

AZEVEDO, M. V. R. **Telejornalismo e educação para a cidadania**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004.

BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Manual de Educomunicação**. Goiás, abril de 2006. Disponível em: <<http://www.cdcc.sc.usp.br/CESCAR/Atualizacao/10.pdf>>. Acesso em: jan. 2008.

- FANTIN, M. **Perspectivas teórico-metodológicas da mídia educação.** Santos: Intercom, 2007.
- GUEIROS JUNIOR, N. Convergência das mídias. **Revista Consultor Jurídico**, 19 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/view/3575/3146>>. Acesso em: jul. 2009.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- OROZCO, G. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 10, p. 57-68, 1997.
- _____. Comunicação, Educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-70, 2002.
- PERUZZO, C. M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**, São Paulo, v. 1, p. 111-128, 2001.
- PIETTE, J. Uma educação para los médios centrada en el desarrollo del pensamiento crítico, In: Martín, A. G. (Org.). **Formación del profesorado en la sociedad de la información.** Segovia: E. U. de Magiste de Segovia, 1998.
- SOARES, I. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 5-75, 1999.
- VIVARTA, V. (Coord.). **Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes.** São Paulo: Cortez, 2004. (Série Mídia e Mobilização Social, 7).

